

MUSEU DO MATO: ESCULTURA MUSEAL, POÉTICA DA HERANÇA

Luciana Moniz de Aragão¹

RESUMO

Que futuro podemos ter com o presente que construímos? Com que futuro sonhamos? Onde estão os modelos para o futuro? O que a herança espiritual, memórias, outras percepções de tempo e espaço podem nos ensinar? Um museu pode potencializar experiências locais, afetar percepções e contribuir para a sobrevivência harmoniosa do ser humano? Um esboço de resposta vindo dos pés da Serra do Sincorá, na Bahia.

*



Série Jaci. 2016. Acervo Museu do Mato

¹ Luciana Moniz é graduada e mestre em Museologia pela UFBA, foi diretora executiva do MAM da Bahia e da 3ª Bienal da Bahia, desenvolve o projeto Museu do Mato na área rural de Mucugê, e é pesquisadora sobre relações entre arte, herança, natureza e bem comum. E-mail: luciana.moniz@gmail.com

O Museu do Mato é uma escultura, uma Escultura Museal. Escultura cuja matéria-prima é pensamento e o cinzel a palavra. Palavra que molda pensamento. Palavra que deve ser potente o suficiente para provocar transmutações, mudanças de percepção. A matéria plástica desta Escultura Museal são pensamentos, subjetividades relacionadas a formas de percepção da natureza, dos bens espirituais, do tempo, do espaço, da vida. É uma obra coletiva, construída a partir de subjetividades compartilhadas, e com o desejo de transformar o futuro.

A Escultura Museal é um conceito elaborado no campo híbrido entre arte e museologia, baseado em princípios do artista alemão Joseph Beuys², e tem estrutura de planta: raízes, ramos, flores. RAÍZES são o passado, memória, tradição, o Sal alquímico; RAMOS são mediação, criação, adaptação, o Mercúrio da alquimia; FLORES / PÓLEN, é o novo, a potência do futuro, o Enxofre. Esta também é a estrutura funcional dos museus: passado, presente, futuro – preservar, pesquisar, comunicar (modelo PRC³).

Museu é instância de legitimação, cujo propósito é criar e legitimar narrativas culturais / artísticas, ideias e lógicas. O propósito do Museu do Mato é produzir e difundir reflexões e exercícios poéticos sobre natureza, tempo, ciclos, amplitude, aridez, água, trabalho, sobrevivência, memória, transmutação (decomposição, compreensão e recomposição), sistemas vivos, espaço, fruição, estado de participação, imprevisibilidade, cosmos. Novas lógicas a partir de um círculo pequeno, fora dos centros urbanos, buscando alguma independência das instâncias e ideias hegemônicas.

Leituras poéticas das relações natureza / cultura; percepções, valores e tradições de fruição, plantio, lida com a terra; alimentos, remédios caseiros, rezas; ancestralidade; relações entre herança espiritual (herança ligada aos valores do espírito) e patrimônio total (natural e cultural), podem provocar sensibilização e mudanças de perspectiva sobre o cotidiano e sobre a vida, e contribuir para o bem comum.

Segundo a teórica política Hannah Arendt⁴ – que estudou a formação dos regimes autoritários totalitários instalados na primeira metade do século XX (nazismo e comunismo) – a massificação é um método de domínio

2 Joseph Beuys (1921-1986) foi um artista e teórico alemão considerado um dos mais influentes da segunda metade do século XX.

3 Formulado na Academia Reinwardt em Amsterdam, o modelo PRC agrega as funções do museu em torno de três pólos: *Preservation-Research-Communication* (preservação-pesquisa-comunicação).

4 Hannah Arendt (1906-1975) foi uma filósofa alemã de origem judaica. Entre suas principais ideias estão o respeito às diferenças, inclusão (pluralismo político), contrário ao totalitarismo, onde as decisões sobre a sociedade são tomadas por um só grupo; a importância de decidir em conjunto o futuro comum ("O revolucionário mais radical se torna um conservador no dia seguinte à revolução"); a preservação do espaço público para prática da liberdade e da cidadania; e as relações entre poder – para ela fruto da convivência e cooperação – e o domínio total, que anula a interação social.

total sobre seres humanos, que os torna incapazes de ter consciência das consequências dos seus atos e palavras. O indivíduo submisso age como uma engrenagem do domínio total (AGUIAR, 2010, p.1), um domínio institucionalizado, legitimamente eleito.

O método do domínio externo é eliminar qualquer conjunção que possa favorecer a existência de elos afetivos, solidariedade, colaboração, raízes culturais – os bens espirituais dos quais falava Beuys, o Sal. Como explica o filósofo Odílio Aguiar – que estudou o pensamento de Arendt – sem raízes, a percepção é de um mundo de desamparo e ódio, que se espalha sem controle. E o mal “se realiza na banalidade, na injustiça e nas radicais práticas de violência contra apátridas, imigrantes, mulheres, desempregados, índios, negros, crianças, idosos e a natureza” (AGUIAR, 2010, p.4). No cotidiano.

Para Arendt, nas sociedades massificadas o mal banal, da vida mundana, comum, do dia-a-dia, surge do sentimento de impotência, submissão, solidão, condicionamento. Cujas únicas formas de libertação são os dons do espírito: pensar, querer e julgar. O mal é a renúncia à capacidade de pensar. Ao renunciar do pensamento se renuncia ao espírito. Ao abdicar do espírito, o indivíduo, o grupo, se torna submisso à lógica externa dominante, seus clichês morais e palavras de ordens (ARENDT, 1995).

O indivíduo que se submete ao domínio total não se reconhece dotado da capacidade de dar início a qualquer coisa, se sente incapaz de criar. “É um círculo vicioso onde quem não encontra a criatividade em si recusa os dons do espírito. O mal é o vazio reflexivo. Quem pensa se dignifica” (AGUIAR, 2010, p.2). Os exercícios dos dons do espírito produzem uma sociedade melhor, o cuidado com o bem comum, o amor *mundi*. É a dimensão ética da vida (AGUIAR, 2001).

Os pensamentos de Beuys e Arendt convergem em diversos pontos. Para os dois a livre fruição dos dons do espírito (pensar, querer e julgar) – através de ações de libertação da vontade, usando a potência de gestos e palavras para canalizar energias coletivas –, pode transformar o mundo. A reflexão aprofundada, transdisciplinar e coletiva é capaz de promover o despertar da consciência sobre os bens espirituais, o bem comum, produzindo o amor *mundi*.

Para Hannah Arendt a experiência humana se divide nas esferas da contemplação e da ação, o trabalho, a participação na vida pública, o

exercício dos dons do espírito, recriar o novo coletivamente. É o Pólen da obra de Beuys, a transformação do mundo através da criatividade, da força do pensamento criativo, expressão como estratégia de organização das experiências: transformar ações cotidianas e organizar o esforço coletivo para alcançar um novo estágio evolutivo de humanidade, a partir de uma visão holística da sociedade e da natureza.

O mundo comum, como pensado por Hannah Arendt, é organizado em torno de valores institucionalizados, família, arte, religiões, partidos, sindicatos, justiça e outros sistemas, espaços físicos e simbólicos, onde os indivíduos podem exercitar a empatia e a solidariedade entre iguais e diferentes. Os governos totalitários atacam as instituições e os elos de amparo e respeito entre as pessoas, tudo que possa multiplicar os dons do espírito, gerar solidariedade e ação. O que é negado em tempos de horror são as subjetividades.

A pesquisadora Lotte Arndt⁵ entende que contemporaneamente as referências (o Sal, as raízes), se fragmentaram e os sistemas instituídos são incapazes de representar o interesse comum, de proteger cidadãos e sociedades da supremacia de poderes excludentes, o que promove um sentimento geral de abandono político, cultural e social, uma crise de representação (ARNDT, 2017). E nessa conjuntura as instâncias culturais tem o papel preponderante de multiplicar as zonas de contato, de troca de reflexões, valores, sensações, emoções, percepções. E para serem capazes dessa tarefa precisam se reinventar. Para Arndt:

(...) os museus podem hoje participar na resistência às explosões reacionárias e contribuir, através de suas práticas, para abrir e destacar caminhos previamente invisíveis, ressoar com sons inauditos, resultantes de encontros entre vozes e corpos muitas vezes separados por hierarquias sociais, e assim esboçar, com uma transversalidade barroca e às vezes dissonante, uma linguagem que se inventa no caminho (ARNDT, 2017, tradução nossa).

Segundo a pesquisadora Nora Sternfeld⁶ “lógicas participativas estão entre as principais tendências do campo museológico” (STERNFELD, 2017, p.8) na teoria e na prática. Assim como enunciados inclusivos anti-

⁵ Lotte Arndt leciona na École d'art et design de Valence. Seu PhD é sobre negociações pós-coloniais em revistas culturais relacionadas à África. Sua produção científica foca em tópicos relacionados ao presente pós-colonial e estratégias para subverter narrativas eurocêntricas. Ela acompanha o trabalho de artistas que interrogam criticamente o presente pós-colonial e os pontos cegos da modernidade.

⁶ Nora Sternfeld é educadora e curadora. Faz parte do trafo.K, um escritório de produção de conhecimento crítico baseado em Viena, e de freethought, uma plataforma de pesquisa. É diretora artística do Bergen Assembly e professora de Curadoria e Mediating Art, na Universidade de Aalto, em Helsinki, Finlândia, e codiretora do ECM - educação / curadoria / gestão - Masterprogramme de teoria e prática de exposições na Universidade de Viena.

nacionalistas, questões sobre representação e políticas de memória hegemônicas, teorias decoloniais, herança cultural como instrumento de inclusão social e cidadania, museus como zonas de agenciamento, de narrativas e processos museológicos alternativos: exercícios para imaginar mundos possíveis.

Para ela, mesmo diante da conjuntura atual e a partir de círculos pequenos e isolados, é possível atuar sem ser assimilado pelo sistema comercial, e sem se isolar, tendo impacto no desenvolvimento democrático e saudável da sociedade. Para ser participativo não é preciso estar nos centros emissores de discursos e práticas, tomar distância e experimentar formatos independentes também é resistir. Este momento crítico da história pede espaços de colaboração, de criação de novas reflexões, e experimentos sobre transformações do mundo a partir do cotidiano. Mesmo sem saber onde exatamente o trabalho pode levar, e o que fazer com o conhecimento produzido.

Nesse panorama de privilegio dos interesses econômicos e autoritarismo, em detrimento de valores ligados ao desenvolvimento humano, Sternfeld acredita que “o desafio das instâncias culturais é manter o compromisso crítico e continuar a produzir e difundir discursos e práticas sobre memória e herança cultural cada vez mais independentes das instâncias hegemônicas de poder” (STERNFELD, 2017, p. 9).

Arte é um locus de articulação das subjetividades. Arte é olhar para fora a partir do universo interior. A criatividade é capaz de criar novas modelagens de sociedade. A herança espiritual é mensagem poética, passada de geração em geração, que tem o poder de ressignificar a existência humana. Museu é o espaço simbólico para transmissão de fragmentos dessas mensagens poéticas. Dentro do museu é possível moldar o futuro.

A natureza e seus padrões possuem uma lógica própria e um profundo sentido de equilíbrio e harmonia. A observação de sistemas biológicos e fenômenos naturais pode trazer soluções para problemas diversos do cotidiano. As experiências participativas e contemplativas nas relações entre sujeito e ambiente ativam processos criativos, alargando fronteiras e provocando novas interpretações e significados para a arte e a vida, novos paradigmas.



Ação artística “A Montanha Mágica”. Nícia Freire, 2019. Acervo do Museu do Mato.

A Escultura Museal é um processo poético contínuo, como os ciclos naturais, e o MATO é objeto natural, arquétipo, imagem, símbolo dessa obra. MATO é a vegetação que nasce espontaneamente, em local e momento inesperados. É capaz de germinar em qualquer lugar, qualquer terreno. MATO tem alto poder de adaptação, aproveita ao máximo qualquer escasso recurso que surja. Precisa de pouco tempo para germinar e florescer. É poliploide: capaz de se modificar geneticamente. É auto-compatível: capaz de se polinizar com seu próprio pólen. MATO é capaz de hibernar até ter condição de desenvolvimento. Produz continuamente. E por isso tudo é perene, quase imortal.

MUSEU DO MATO é museu-obra que tem pensamento como matéria: reflexões sobre natureza e cultura; sobre relações entre bem comum e memória; sobre herança espiritual e mudanças de percepção em tempos de transição. Como todo museu, é uma instância de legitimação.

Aqui é SERTÃO. Ideia que envolve relações entre tempo e experiência cotidiana, SECA, SOL, suas causas e efeitos físicos, mentais, emocionais, espirituais. Aqui nas GERAIS da Chapada Diamantina, na amplidão, no tempo lento das cordilheiras, todo esforço é nada diante de uma força maior: tudo é amplo, aberto e paradoxalmente hermético.

POÉTICA DA HERANÇA. Herança espiritual. Conhecimentos a partir da experiência cotidiana, vivências poéticas nas Gerais. Em busca da

consciência a partir de fragmentos. Fragmentos ancestrais de sangue e de espírito. Pensando como os bens ou valores espirituais podem continuar sendo transmitidos para contribuir para o BEM COMUM.

Nesses tempos de profunda transição os valores do espírito humano se perdem no excesso de informação, de ambição, excesso de pressa. Em lugares distantes da velocidade urbana, em contato direto com a natureza, é possível buscar a dimensão real do espírito, do tempo, dos ciclos. Ritmo da natureza se sobrepondo à velocidade do capital, retornando à escala da vida natural, não-industrial.

Perspectiva poética nesta realidade permite crer e criar utopias. Recriação coletiva de valores espirituais agregadores. Ganhar consciência, transformar as estruturas mentais, em busca da ordem no caos. Para isso é necessária percepção ampliada, alteridade, solidariedade, atenção e TEMPO. Para produção de pensamentos e processos capazes de ressignificar nossa existência.

As ações do Museu do Mato tem o objetivo de mapear, identificar, potencializar subjetividades de agentes locais: diversos repertórios; relações poéticas com história, cultura, natureza, patrimônio material e imaterial, cultura, arte; que dialoguem com diferentes dimensões locais; para ampliar percepções sobre o mundo, estimular a reflexão e o reconhecimento de outros valores simbólicos, como estes das entranhas da Chapada Diamantina; construir novas possibilidades de futuro, reativar experiências, consolidar conhecimentos, divulgar ideias: ecoar outras vozes.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Odílio Alves. **Filosofia política no pensamento de Hannah Arendt**. Fortaleza: EUFC, 2001.

AGUIAR, Odílio Alves. Violência e banalidade do mal. **Cult**, São Paulo, p.1-2, 14 mar. 2010. Mensal. Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/violencia-e-banalidade-do-mal/>>. Acesso em: 11 jun. 2022.

ARENDT, Hannah. **A vida do Espírito**: o pensar, o querer, o julgar. 3. ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995. 2 v. Tradução de Antonio Abranches, Cesar Augusto Almeida e Helena Martins.

ARENDT, Hannah. **As Origens do Totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. 395 p. Tradução de Roberto Raposo.

ARNDT, Lotte. Introduction. In: **qalqalah** nº 3 ^{1/4}, p. 03-09. Paris, 2017. Disponível em: <https://www.betonsalon.net/IMG/pdf/qalqalah-3_1_4-2.pdf> Acesso em 11 jun. 2022.

MONIZ, Luciana. **A revolução somos nós**: esboço de uma escultura museal a partir da alquimia de Joseph Beuys. 2019. 211 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Museologia, Programa de Pós-Graduação em Museologia, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/handle/ri/31868>>. Acesso em: 11 jun. 2022.

STERNFELD, Nora. Why exhibit at all? An answer from the year 2030. In: **qalqalah** nº 3 ^{1/4}, p. 10-43. Paris, 2017. Disponível em: <https://www.betonsalon.net/IMG/pdf/qalqalah-3_1_4-2.pdf> Acesso em 11 jun. 2022.

7GRAUS (org.). **Dicionário de sinônimos online**. 2022. 7Graus. Disponível em: <<https://www.sinonimos.com.br/>>. Acesso em: 11 jun. 2022.